

# Poluição faz do rio Ceará uma ameaça à saúde pública

## Análise da água feita pela Semace revela a presença de bactérias que podem causar até doenças fatais

Um rio agonizante, "afogado" em lixo e poluição proveniente de esgotos domésticos e industriais. Vítima do abandono e do descaso dos organismos de defesa do meio ambiente e agredido constantemente pela falta de consciência ecológica das populações ribeirinhas, é esta a situação do Rio Ceará, manancial historicamente mais importante do Estado. Com cerca de 60 quilômetros de extensão, atravessando os municípios de Maranguape, Caucaia e Fortaleza, o rio nunca esteve tão poluído. Com a nascente completamente seca e recebendo efluentes dos conglomerados urbanos, as águas do velho "Ceará" representam hoje uma ameaça pública à saúde de quem vive às suas margens.

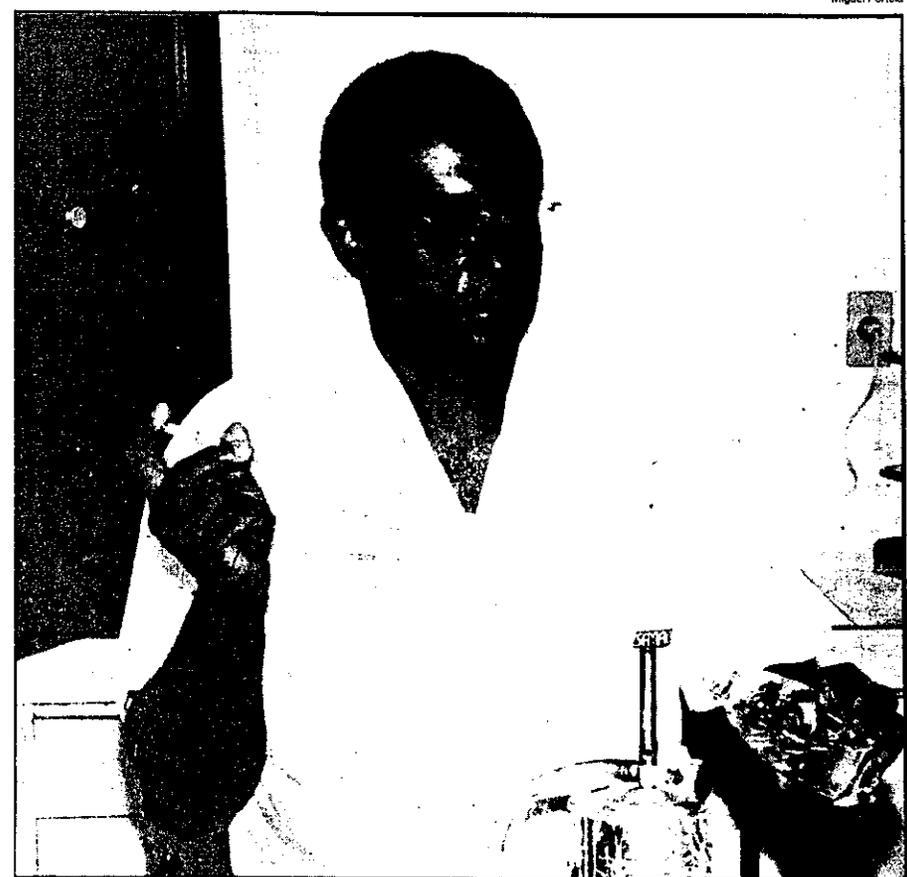
Embora ainda guarde trechos com uma beleza natural ímpar, com áreas de mangue cercadas por berçários de toda espécie de crustáceos e microorganismos, o Rio Ceará - ao contrário do Rio Cocó, que recebeu e recebe muita atenção de órgãos públicos e dos ecologistas de plantão - parece pedir socorro para não virar de vez um grande esgoto a céu aberto. Por enquanto, ele ainda amarga a falta de projetos capazes de recuperar a qualidade da água, demarcar as áreas de proteção ambiental (1ª e 2ª categorias) além de evitar a devastação do mangue e a pesca predatória. Enquanto as decisões políticas não saem da retórica, o rio se transforma a cada dia no retrato vivo da extinção de espécies.

A sujeira que chama atenção visualmente guarda também perigos invisíveis. O monitoramento mensal da água feito por técnicos da Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace) mostra que o rio está alcançando níveis críticos de poluição. A última amostra colhida no dia 10 de março, após passar por análises biológicas e químicas mostraram a presença de bactérias capazes de provocar até mesmo doenças fatais.

José Williams Henrique de Sousa, da Divisão de Análise e Pesquisa da Semace, informa que a concentração de coliformes totais e fecais, além de bactérias, podem causar - através da veiculação hídrica (ingestão) - doenças como paralisia, cólera, leptospirose, febre tifóide, giardíase, hepatite infecciosa (tipo A) e salmonelose.

Apenas entrando em contato com a água é possível contrair escabiose, tracoma (inflamação nos olhos) e esquistossomose. Os insetos que proliferam na área funcionam também como meio de transmissão de dengue e filariose. O técnico alerta ainda que peixes e crustáceos mal cozidos também oferecem riscos. Williams explica que "até onde o rio sofre a influência das marés a situação é razoável. A medida que se afasta do litoral o quadro começa a se agravar". Os pontos mais afetados são a junção com o Rio Maranguapinho, o trecho próximo à BR-222 e o percurso após a nascente, em Maranguape.

O trabalho de coleta e análise da água do rio vem sendo realizado há dois anos. A intenção é monitorar os índices de poluição e compará-los com os dados obtidos após a implantação do Pro-



Miguel Portela

O técnico da Semace Williams Sousa mede o nível de coliformes presentes na amostra recolhida do rio

eto Sanear. Williams observa, no entanto, que além da estrutura correta de saneamento é necessário desencadear um amplo programa de educação ambiental para alertar a população sobre a importância de preservar o manancial. Lembra, por exemplo, que mesmo Caucaia sendo dotada de um aterro dentro dos padrões sanitários de higiene, a população ainda insiste em jogar lixo às margens. Já BR. "Tudo isso vai parar dentro do rio", diz.

Outro grande risco são as lagoas de estabilização, construídas para tratar os esgotos domésticos dos conjuntos Nova Metrópole e Araturi, em Caucaia. "Basta que uma dessas lagoas apresente uma pequena falha, durante um dia, para que os

dejetos, incluindo fezes humanas, produzidos por centenas de famílias, sejam despejados no rio em estado bruto", avisa o pesquisador da Semace. Ele acrescenta que atualmente uma das principais fontes de agressão ao "Ceará" é o Frigorífico Industrial de Fortaleza (Frifort). Toda matéria orgânica descartada do abate de animais acaba no Maranguapinho que, por sua vez, desemboca no Rio Ceará. "Diante de tudo isso não seria exagero se a gente disesse que o rio hoje é quase um esgoto a céu aberto", conclui o pesquisador.

Marlyana Lima  
Repórter Especial

### Projetos

## Caucaia monta equipe para fiscalização do rio

Pelo menos no trecho em que corta o município de Caucaia, o Rio Ceará deve ganhar um aliado. Funcionando há apenas dois meses, a Fundação Municipal do Meio Ambiente de Caucaia (FAMA) já iniciou o trabalho de treinamento de uma patrulha ecológica que, a partir de maio, vai promover uma fiscalização ostensiva na área a fim de evitar a retirada de mangue vermelho e impedir a pesca predatória. Formada por quatro técnicos, a equipe percorrerá as casas próximas ao manancial levando noções de educação ambiental.

"Estamos começando a controlar uma situação crítica que herdamos de outras administrações", diz o presidente da FAMA, Cândido Antonio Neto. Ele considera o Rio Ceará como o mais agredido e desamparado manancial da Região Metropolitana de Fortaleza. Para diminuir a degradação acentuada que tomou conta do rio, ele avisa que a Prefeitura de Caucaia já prepara um grande seminário, previsto para o mês de junho, onde pretende reunir representantes do Ibama e Semace, além de ambientalistas, com o intuito de traçar diretrizes de conservação e sustentação do ecossistema do estuário do Rio Ceará. "Vamos discutir, inclusive, a exploração do ecoturismo e a ordenação da pesca artesanal", adianta.

A preocupação de Cândido Neto encontra forte razões nos números da devastação. O mangue vermelho - espécie vegetal que fica mais próxima da água e serve de berçário para os peixes além de evitar a erosão - está sumindo em proporção acelerada. "Calculamos que 80% dessa espécie já tenha sido retirada para fabricação de carvão", denuncia. Com relação às fontes poluidoras, o presidente da FAMA afirma que não pode fazer mais do que detectar a origem e tentar saná-las.

Cândido explica que a equipe de fiscalização, além de coibir a devastação do manguezal e suas espécies, vai cadastrar moradores para detectar quem depende do rio para sobreviver. Ele reconhece que hoje a situação dos pescadores artesanais é crítica. Quem costumava comprar a produção de peixes e crustáceos saídos do Rio Ceará agora rejeita o produto porque sabe que a fonte está poluída. Para sobreviverem os pescadores, a maioria da tribo tapeba, se deslocam até Fortaleza em busca de fregueses no mercado São Sebastião e na Avenida Bezerra de Menezes, onde o comprador desconhece a origem dos produtos.

VIDE - VERSO

153 270 190 384 4166 96 11

OK

# Peixes e crustáceos estão na mira da extinção

Um dos pontos mais visíveis da péssima situação em que se encontra o manancial fica na BR-222, em Caucaia. Nesse trecho, da ponte construída sobre o rio é possível ver toda espécie de detritos flutuando sobre as águas escuras e fétidas que mais parecem lama. Quem se atreve a chegar mais perto pode ver a imensa quantidade de pequenos caranguejos e siris, além de peixes de pequeno e médio porte boiando nas margens, mortos pela falta de oxigenação da água.

Na verdade, o problema começa ainda no trecho inicial, na serra de Maranguape, pouco depois da nascente formada pelos riachos Jandaíra e Bom Princípio. Quando atravessam a área urbana do município, as águas recebem um grande fluxo de esgotos domésticos em estado bruto.

Esses detritos se juntam aos que são despejados diretamente no rio pelas 70 famílias que formam a tribo dos Tapeba. Vivendo em condições subumanas, em casebres sem esgotamento sanitário, os tapeba usam o mangue como depósito de lixo. As marés altas se encarregam de levar tudo para o leito agravando ainda mais a situação.

O cacique Francisco Alves Teixeira, reconhece que a tribo contribuiu para agravar a poluição, mas alerta que a culpa maior é das autoridades competentes que não oferecem uma saída para o impasse. "A gente não tem para onde ir. De 30 mil hectares de terra que era nossa só ficamos com 4.675, sem ter de onde tirar o sustento porque agora até a pesca de peixe e de caranguejo tá se acabando", reclama.

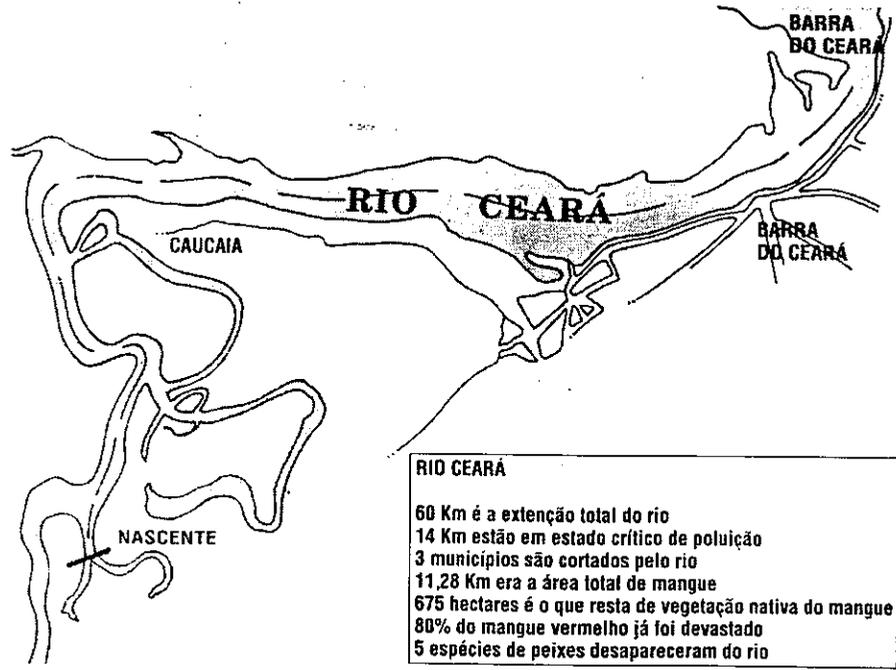
O cacique não mente quando fala que a pesca está escasseando. Muitas espécies, como o camurupim, a tainha, o bagre, a moreia e saúna já não são mais encontradas. Os únicos que resistem bem são da espécie pacamum, mesmo assim, até esses já aparecem mortos em grande quantidade, devido à má oxigenação da água. O caranguejo "ca", que sempre foi a grande fonte de renda da comunidade indígena - também começa a desaparecer em função da forma desordenada de captação que muitas vezes leva fêmeas ovadas.

Apesar dos problemas causados pela degradação ambiental, o Rio Ceará à medida que se aproxima de sua foz começa a revelar uma beleza selvagem que somente os pescadores artesanais e alguns poucos aventureiros têm a oportunidade de conhecer. De barco, seguindo a parte navegável do rio, é possível ver inúmeros canais cercados por vegetação de mangue vermelho onde pequenos aratus fazem um verdadeiro balé em busca de alimentos. As águas escuras e de cheiro forte contrastam com o branco de algumas garças que sobrevoam o estuário. Nas raízes aéreas, típicas da região do manguezal, proliferam milhares de pequenas ostras e mariscos.

"Isso aqui se fosse bem cuidado e limpo ia ser a nossa salvação, porque os turistas iam querer conhecer, com certeza", sonha José Leandro da Silva, dono de um dos 15 barcos que ainda se aventuram na pesca artesanal. O sonho do pescador, por enquanto, está longe de se tornar realidade. Percorrendo o trecho conhecido como Salinas, próximo à Fazenda Soledade, ainda dentro de Caucaia, as águas escurecem ainda mais e ficam densas como num esgoto. O mal cheiro típico de matéria orgânica em decomposição é insuportável. "Aqui não tem peixe que consiga sobreviver. É triste imaginar que antigamente isso aqui era um paraíso", diz Leandro Silva apontando as margens para o velho "Ceará". (ML)



Junto com a sujeira que se acumula às margens do rio, pequenos peixes morrem por falta de oxigenação



## Luta completa 10 anos

A luta dos moradores da Barra do Ceará para salvar o rio está completando dez anos. Um dos líderes do movimento que briga para ver aprovado o projeto de execução do Parque Ecológico do Rio Ceará é o presidente da Associação de Moradores do Conjunto Beira Rio, Ary Thiers. Para ele, a falta de compromisso dos órgãos públicos para com aquela área da cidade reflete a discriminação com o lado pobre da Região Metropolitana. "É incrível que o rio onde começou a colonização do nosso Estado, por volta de 1612, seja tão desprezado assim", critica.

Interessado em ver a região protegida da devastação e ocupação desordenada, Ary Thiers recorda que, na década de 70, o governo do Estado realizou um levantamento oficial da área e mapeou 11,28 quilômetros de mangue. Ele calcula que pelo menos 80% estejam já comprometidos. "Infelizmente o ante-projeto que a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Urbano elaborou ainda não saiu do papel e a gente nem escuta mais falar dele", completa.

Na visão do líder comunitário, falta interesse político de beneficiar o Rio Ceará. Segundo observa, o Rio Cocó ganhou a proteção de um parque ecológico, com áreas demarcadas contra exploração imobiliária, não apenas por ser um cinturão verde importante, mas principalmente porque fica dentro de uma área nobre da Capital. "Se não for feito algo urgentemente para resguardar o manancial das invasões, o manguezal não resistirá mais nem uma década e essa cadeia de agressões comprometerá o ecossistema num processo irreversível", prevê.

Uma das principais preocupações de Ary Thiers diz respeito à demarcação das áreas de 1ª e 2ª categorias que, pela legislação ambiental em vigor, devem ser preservadas de qualquer intervenção que altere suas características originais. Até o momento nenhuma providência foi tomada nesse sentido. Não há cercas ou qualquer marco estabelecendo limites entre as áreas vitais do manguezal. "O mais desolador é que a gente sabe que um simples decreto do governo do Estado resolveria a situação", enfatiza. O sonho de Ary Thiers é ver materializado o Parque Ecológico, Cultural e Turístico do Rio Ceará.



Ary Thiers, líder do movimento, faz o mapeamento do rio

96 11